



10º Domingo depois de Pentecostes - (08.08.04)

Próprio 14

1ª leitura (Antigo Testamento) - Gênesis 15.1-6

1º. comentário – Esta é considerada uma das histórias mais importantes contadas sobre Abrão. Ela dá testemunho da fé abraâmica. A confiança na promessa emerge numa crise da fé. Abrão e Sara foram chamados da esterilidade pela palavra poderosa de Deus. Confiando nessa promessa eles começaram a peregrinação da esperança. Mas quando chegamos ao capítulo 15 vemos o casal ainda lamentando a esterilidade. O ponto central era que a promessa demorava demais para ser cumprida, a ponto de alimentar a dúvida. Por quê e como continuar confiando só na promessa quando as evidências contra a promessa são irrefutáveis? A grandeza da história está no fato de que Abrão enfrenta o abalo da fé. No diálogo do texto, Yahweh reafirma a promessa (v.1), Abrão protesta (v.2-3), Yahweh responde (v. 4-5) e Abrão aceita (v.6).

Não é fácil viver confiando na promessa, no futuro de Deus. Essa é a experiência de muita gente. Quando na Igreja a questão se concentra demais nos “resultados concretos e comparativos” é bom lembrarmos de nosso ancestral na fé, Abrão e sua luta. Ele aprendeu a ler a realidade não com o critério do que se pode tocar, ver e controlar, mas com a medida Daquele que pode romper com o presente exausto e abrir novas possibilidades.

Nessa história temos um sinal, uma seta que a fé usa para expressar o mistério de Deus. As estrelas incontáveis são recebidas por Abrão como sinais da promessa da vida (ST).

2º. comentário - Nada pior do que ficarmos ano após anos esperando a realização da promessa de algo que muito desejamos. Certamente não estava sendo fácil para Abrão esperar o nascimento do seu filho. É perfeitamente compreensível sua frustração e sua reclamação. Sejamos condescendentes com ele. Muitos de nós talvez não esperaríamos tanto tempo.

O problema é que quanto mais o tempo passa, nossa tendência é queremos apressar a realização de certas coisas e não dar tempo ao tempo. Abrão já parecia ter perdido as esperanças e se lamentava pelo fato de sua herança ficar para seu administrador. Mas Deus continuava fiel em sua promessa, e parra dar a Abrão a dimensão da riqueza que Ele prometera, convida o pai da fé a um exercício: sair da tenda, olhar para o céu e tentar contar as estrelas. (v.5).

Muitas vezes temos dificuldade em confiar nas promessas de Deus porque nosso olhar está limitado ao estreito horizonte que alcançamos. As tendas podem nos oferecer um certo conforto e segurança, mas também limitam muito nossa capacidade de contemplar a grandeza do poder criativo de Deus. Para que Abrão acreditasse, foi preciso que Deus o tirasse de sua tenda.



O que pode significar uma tenda para nós? Naquela época, a tenda representava proteção nas noites do deserto; representava estabilidade e segurança. Mas a tenda também sufoca e limita nossa visão. Debaxo de uma tenda só temos condições de ver alguns metros acima de nossas cabeças. E nessas horas é fácil perder a esperança.

Diz uma música de Lulu Santos: "Há tanta vida lá fora...". O desafio para nós hoje é tentarmos romper com as limitações das tendas que construímos para nós e contemplarmos a grandiosidade do agir de Deus. (CEBC)

2ª leitura - Hebreus 11.1-3, 8-16.

Uma comédia sobre a religiosidade americana temos um título bastante sugestivo: "Fé de mais não cheira bem". Neste filme o assunto que é tratado é o da fé e, embora não desejemos discorrer sobre a película e sobre suas críticas pertinentes à espiritualidade vigente em muitos círculos, muita gente hoje ainda ridiculariza a fé. Muitos ainda tratam as pessoas que crêem como semi-analfabetos ou indigentes intelectuais. Parece que é chique "descrer". Esta é uma espécie de "moda" entre os intelectuais. No texto de Hebreus, o autor escreve para procurar convencer os cristãos que estavam voltando para o judaísmo, sobre a superioridade do novo pacto realizado por Jesus. Neste texto o autor nos fala da importância da fé para aqueles que, como Abraão, querem viver para Deus. Neste texto o autor nos apresenta aquilo que, para nós, é o título de nossa reflexão hoje, A natureza da fé. Com base no texto de hoje cremos ser possível dizer pelo menos três coisas sobre a fé.

Em primeiro lugar, **a fé toca a esfera da utopia** (v.1). A fé nos faz acreditar no futuro, ou seja, nas "coisas que se esperam". Ora, diz-nos a própria Escritura, esperança que se vê não é mais esperança. A fé opera justamente naquela esfera em que os sentidos já não podem legislar. Ela toca a esfera da utopia também porque nos faz ver o invisível, ou seja, ela é a "convicção dos fatos que não se vêem". Quando falamos em fé e em utopia algo tem que ficar bem claro. Este texto não está dizendo que ter fé é acreditar em qualquer coisa. A fé é capaz de ver o invisível, mas ela não pode ver o inexistente. Nossa fé é colocada apenas naquilo que nos foi prometido por Deus. Nossa noção de utopia, agora, tem que mudar. Ela não se refere mais a um *não-lugar*, como se fala de algo que não existe, ela é um *não-ainda*, um convite a confiar incondicionalmente nas promessas de que Deus honrará sua palavra. Depositar nele nossa esperança e dependência última e acreditar para a vida e para a morte, é ter fé, é tocar a utopia e viver motivado e animado por ela.

Em segundo lugar, **a fé nos leva a assumir uma religiosidade conseqüente** (v.2) Quando dizemos que a fé é um sentimento de dependência última, estamos obviamente diferenciando este sentimento de tantos outros que motivam gestos e atitudes pelo mundo afora. A verdadeira fé é aquela que se traduz em gestos concretos de obediência e de testemunho. Quase a totalidade do capítulo 11 é dedicada aos mártires da fé, aqueles que viveram uma vida marcada por este sentimento. Este sentimento produziu gestos concretos (adoração, trabalho, desterro, peregrinação, morte, etc.) mas também produziu o testemunho de milhares (12:1).



Estes são testemunhas porque viram, ouviram e viveram sua fé. E, hoje, somos também nós convidados a prosseguir nesta fé. É preciso romper com uma religiosidade incosequente que ostenta a cruz, mas que não a dignifica com uma vida à altura do que se prega. Já vimos o que o confronto entre cristãos nominais foi capaz de gerar quando a Alemanha protestante lutava com a França católica na Primeira Guerra Mundial. Já sabemos o que nossos "irmãos" protestantes americanos foram capazes de fazer com os prisioneiros iraquianos em suas prisões. Diante disso me pergunto: até quando mentiremos sobre nosso total compromisso com o Reino e com o Rei? Quando é que, realmente, viveremos uma fé cosequente?

Em terceiro lugar, **a fé caminha ao lado do entendimento** (v. 3). No terceiro versículo parece que estamos mais uma vez diante da antiga briga entre a ciência e a fé. Ao que parece, quando estes dois aspectos da vida entram em choque um deles tem que vencer o outro. De fato acredito que essa não é a única opção. Tanto a ciência quanto a religião estavam unidas no início – vez que ambas representam respostas e elaborações diante das grandes questões da humanidade – e só foram separadas porque a modernidade identificou a religiosidade com a ignorância. Corroborando o que digo, Queiruga acrescenta: "A impossibilidade de uma separação total aparece já no próprio fato de que a religião e a ciência nascem do *mesmo sujeito humano* e, afinal, procuram responder a *necessidades específicas* do mesmo". Não há, portanto, qualquer choque em se compreender que Deus guiou soberanamente o processo de criação e de evolução do cosmos e da vida. Ao relacionar a fé com a criação, o autor nos revela que os dois temas não são necessariamente excludentes, mas podem co-existir. Estas duas instâncias, alguém já disse, respondem a perguntas diferentes: enquanto a ciência responde o *como*, a fé responde o *quem e o porquê*. Como vemos, a fé não é *contrária* a razão, mas apenas *diferente* dela. Fé e razão são critérios epistemológicos de natureza diferente, mas não contraditórios.

Para concluir, devemos perceber que em um mundo onde praticamente todos os paradigmas modernos e todas as "seguranças" que nos foram prometidas faliram, a fé ainda se constitui um espaço de segurança e estabilidade. Que saibamos resgatar a crença latente em nosso mundo e canalizá-la para a melhoria da sociedade e da humanidade. Que possamos demonstrar que a fé resgata aquela dimensão já esquecida da utopia – sem a qual nos tornamos cínicos, nos leva a assumir uma religiosidade incosequente – sem a qual somos hipócritas, e nos leva a dialogar com a ciência – sem o que nos tornamos fanáticos e dogmáticos. (JLFA)

Santo Evangelho - Lucas 12.32-40

Promessa de Cristo: Deus, o Pai terá o prazer de dar-nos o Reino. À luz dessa promessa tudo na vida é relativizado: os bens que acumulamos devem ser socializados em prol do valor maior da partilha (v.33). Os fundamentalistas que gostam de interpretar a Bíblia literalmente sempre dão um jeitinho de escapar da interpretação literal desses textos, pois eles mexem no bolso e na segurança.

É certo que a ênfase de Jesus em despojar-se dos bens talvez explique-se pela sua expectativa de que o movimento que ele liderava desencadearia o processo



cósmico pelo qual Deus julgaria a terra. Nesse caso, de nada adiantaria acumular posses, bens e riquezas. Sabemos que isso não aconteceu. Há porém, frases e ensinamentos que permanecem eternos: "onde estiver o teu tesouro, aí também estará o teu coração".

A partir do versículo 35, Jesus fala da importância da vigilância com vistas ao imprevisível. "O Filho do Homem vai chegar quando vocês menos esperam" (v.40). Trata-se aqui do anúncio do juízo de Deus sobre projetos humanos, sobre a história e a sociedade. Esse juízo acontece diariamente, mas de tempos em tempos se manifesta de um modo mais visível e, diríamos, "global". Nossa sociedade firmada na exploração das pessoas pelo capital continua a prometer bem estar, mas só tem gerado incerteza, miséria e destruição da natureza. Quando e de que modo Deus julgará isso? Há economistas que apostam numa quebra global do sistema econômico que exigira reorganização global da economia do mundo. Outros, ainda mais pessimistas, apostam que somente uma guerra de proporções mundiais proporcionaria um novo equilíbrio nas relações sociais.

Não há possibilidade de anunciar concretamente como se dará o juízo do Filho do Homem sobre os projetos humanos. Não sabemos quando nem como, mas sabemos que o mundo tal como o vemos não reflete o propósito para o qual foi criado por Deus. Nesse sentido vale a pena ligar o texto com as narrativas sobre Abrão, evocado aqui como o pai dos que crêem. Essa fé é definida como um modo de possuir aquilo que se espera, mesmo que palpavelmente ainda não o tenhamos alcançado (v.1). Hebreus 8-16 lembram que Abraão partiu sem saber para onde, em busca da realização de uma promessa. Há muito simbolismo nos versículos que lemos: fala em "tenda" (habitação provisória) e "cidade" bem alicerçada, cujo "arquiteto e construtor" é o próprio Deus (v.10).

Resta-nos à luz da palavra de Cristo, sermos vigilantes e preocuparmos-nos com os tesouros preciosos que a traça e a ferrugem não são capazes de consumir. Esses valores perenes formam a base da cidade eterna que Deus arquitetou e está construindo. (CEBC)